

A decorative altar for Día de Muertos. In the foreground, a human skull is painted with colorful patterns in black, red, and yellow. The skull is surrounded by a thick layer of bright orange marigold petals. In the background, several lit candles in glass holders provide a warm, yellow light. The overall scene is set against a dark background, creating a somber yet vibrant atmosphere.

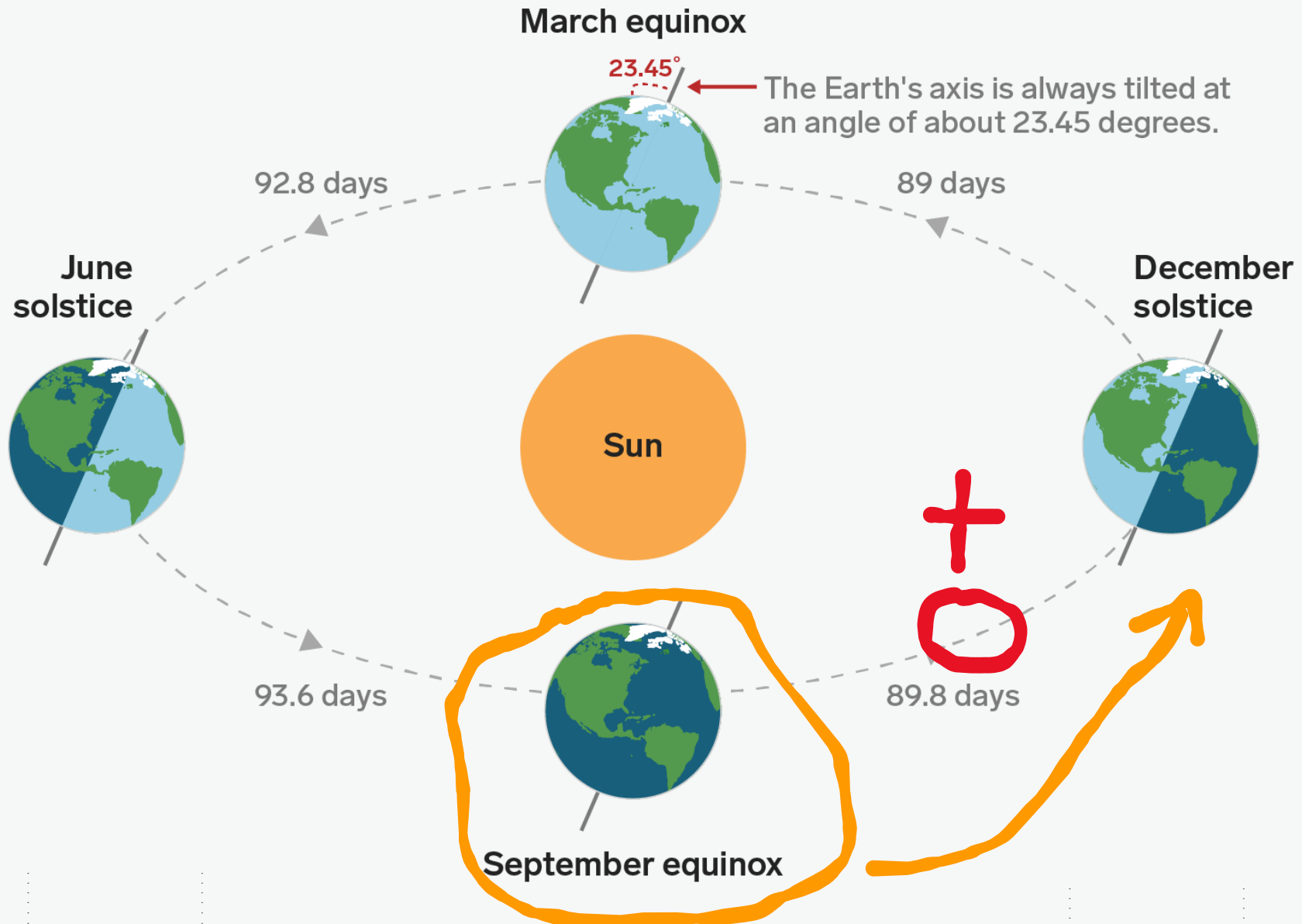
**Ação de Graças, Finados, Dia
de Muertos e Halloween:**

**Os ritos do equinócio de
outono e do começo do
inverno**

Onde e
quando tudo
começou



Earth's equinoxes and solstices



EQUINÓCIO DE OUTONO – 22 de setembro em 2021

Equinócio vem das palavras em latim “*aequi*,” que significa igual, e “*nox*”, que significa noite. No equinócio, o dia e a noite têm praticamente a mesma duração em todo o planeta.

Por “duração” se entende o número de horas com e sem luz solar.

Antes do advento dos relógios e da iluminação artificial os povos antigos se baseavam no ritmo do sol e nas mudanças das estações para medir o tempo.

Os primeiros povos agrícolas tiveram que desenvolver conhecimentos de astronomia para poder marcar os ciclos da Natureza e com eles poder saber o momento de plantar e de colher. Os primeiros astrônomos eram os sacerdotes, druidas, líderes espirituais, etc. Esses momentos especiais do ano passaram a ser celebrados com rituais e oferendas aos deuses.



A maioria dos grandes monumentos neolíticos eram na verdade observatórios astronômicos

TEOTIHUACÁN



EQUINÓCIO DE PRIMAVERA EM STONEHENGE





**SOLSTÍCIO DE VERÃO EM
STONEHENGE**

EQUINÓCIO DE OUTONO EM STONEHENGE



SOLSTÍCIO DE INVERNO EM STONEHENGE



HARVEST MOON :
A LUA DAS COLHEITAS







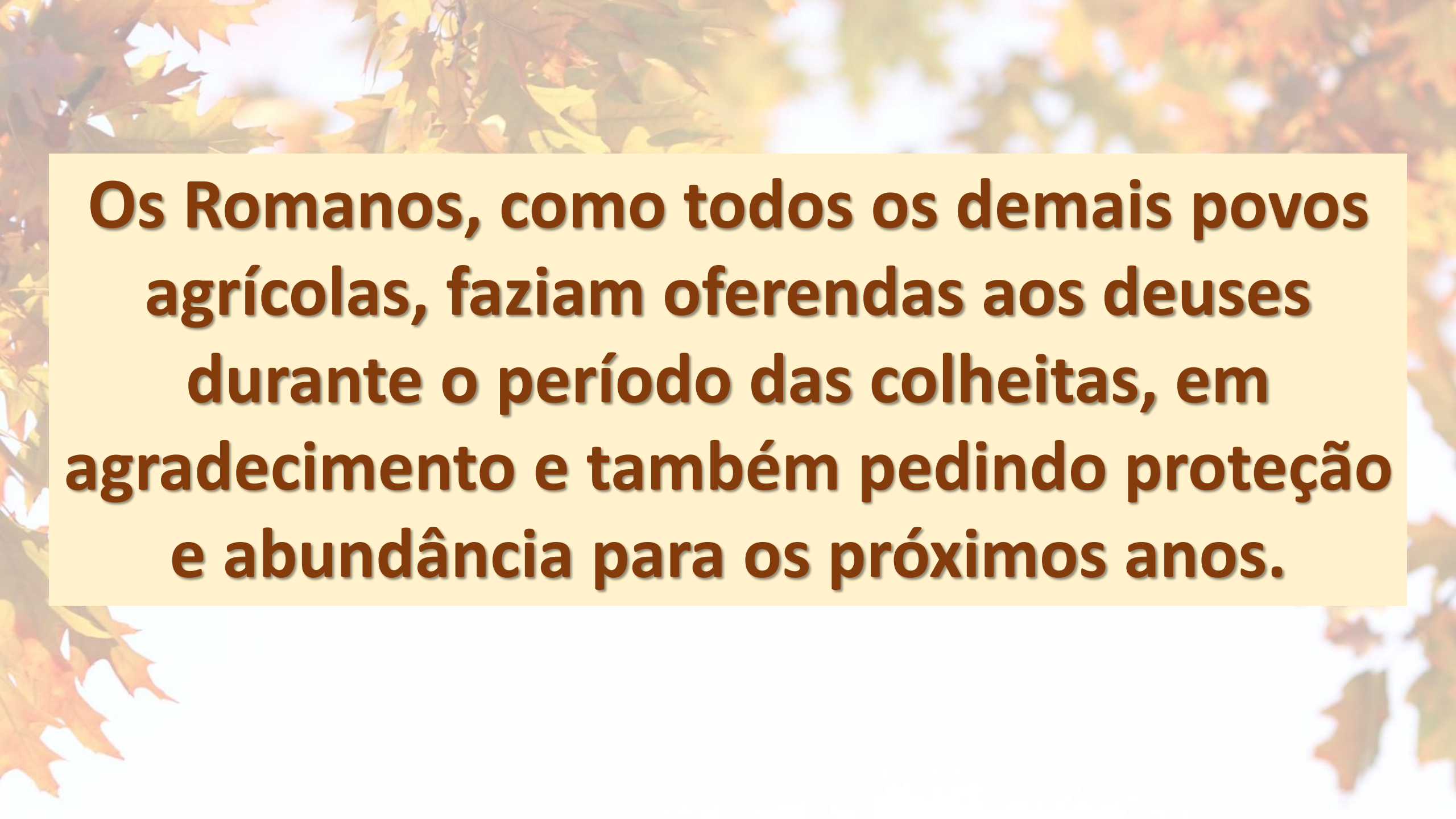
AS ORIGENS DO DIA DE

AÇÃO DE GRAÇAS:

UM RITO OUTONAL, CELEBRAÇÃO DAS

COLHEITAS, REPLICADO PELOS

CRISTÃOS NO HEMISFÉRIO NORTE



Os Romanos, como todos os demais povos agrícolas, faziam oferendas aos deuses durante o período das colheitas, em agradecimento e também pedindo proteção e abundância para os próximos anos.

134. Before you harvest, you may do sacrifice of the Harvest Sow, in the following way.

A female piglet, the Harvest Sow is offered to Ceres before the following crops are put up: emmer, wheat, barley, broad bean, rapeseed. With incense and wine address Janus,²²⁶ Jove and Juno before you slaughter the female pig. Offer a *strues* to Janus thus: “Iane pater, te hac strue ommouenda bonas preces precor uti sies uolens propitius mihi liberisque meis, domo familiaeque meae.” Fertum Ioui ommoueto et mactato sic: “Iupiter, te hoc fertu obmouendo bonas preces precor uti sis uolens propitius mihi liberisque meis, domo familiaeque meae mactus hoc fertu.”
3. Postea Iano uinum dato sic: “Iane pater, uti te strue ommouenda bonas preces bene precatus sum, eiusdem rei ergo macte uino inferio esto.” Postea

A *suovetaurília* era um dos rituais mais tradicionais e sagrados da mitologia romana. Consistia no sacrifício de um porco (*sus*), de um carneiro (*ovis*) e de um boi (*taurus*) em homenagem ao deus Marte para abençoar e purificar a terra.



**Clemente de Alexandria escreveu em
“Stromata” (c. A.D. 200):**

***“Sacrifícios foram inventados pelos
humanos, eu acho, como um pretexto
para comer refeições com carne ...”***

Guerra Civil Americana e a primeira celebração de Ação de Graças (THANKSGIVING) como forma de pacificação do país



FALSE

J. Ferris

J.L.G. PEARIS ©







the best
PUMPKIN RECIPES



HOMEMADE PUMPKIN SPICE

featuring cinnamon

ginger

nutmeg

allspice

cloves

and a few extra spices...

WWW.EATTHELOVE.COM

PUMPKIN SPICE

- 2 Tbsp ground cinnamon
- 1 Tbsp ground ginger
- 1 tsp allspice
- 1 tsp ground cloves
- 1 tsp ground nutmeg
- 1 tsp ground anise
- 1 tsp turmeric (super optional and not traditional but I love it!)

Make It Like So:

1. Measure out all ingredients.
2. Add to a small mason jar and shake shake shake.

MeghanTelpner.com



spice

Pumpkin
Pie
Spice





Parsley



Sage



Rosemary




Thyme

THE
MUSIC

Sinner and Perfumed
Honey-Scent
Flowers and
Tea



vevo

A photograph of Simon and Garfunkel in a field of flowers. Simon is in the background, wearing a white shirt, and Garfunkel is in the foreground, wearing a dark blue sweater. They are surrounded by various flowers, including white daisies and purple flowers. The background is dark, making the subjects and flowers stand out.

Simon and Garfunkel
Parsley, Sage,
Rosemary and
Thyme

**"Scarborough Fair /
Canticle"**

Are you going to
Scarborough Fair:
Parsley, sage, rosemary
and thyme.
Remember me to one
who lives there.
She once was a true love
of mine.

On the side of a hill in
the deep forest green.
Tracing of sparrow on
snow-crested brown.
Blankets and bedclothes
the child of the mountain
Sleeps unaware of the
clarion call.

Tell her to make me a
cambric shirt:
Parsley, sage, rosemary
and thyme;
Without no seams nor
needle work,
Then she'll be a true love
of mine.

On the side of a hill in
the sprinkling of leaves.
Washes the grave with
silvery tears.
A soldier cleans and

polishes a gun.
Sleeps unaware of the
clarion call.

Tell her to find me an
acre of land:
Parsley, sage, rosemary
and thyme;
Between the salt water
and the sea strands,
Then she'll be a true love
of mine.

War bellows blazing in
scarlet battalions.
Generals order their
soldiers to kill.
And to fight for a cause
they have long ago
forgotten.

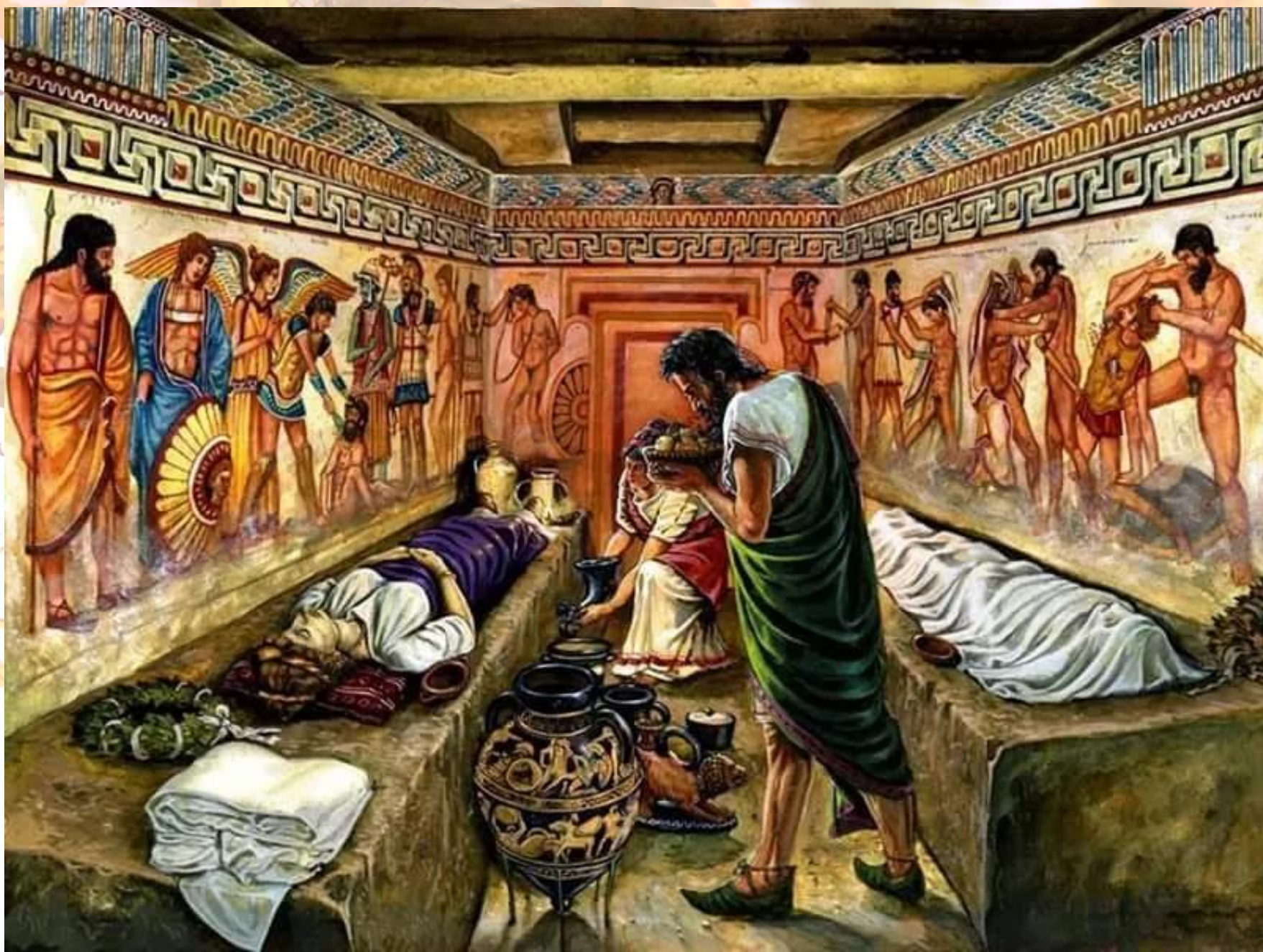
Tell her to reap it with a
sickle of leather:
Parsley, sage, rosemary
and thyme;
And gather it all in a
bunch of heather,
Then she'll be a true love
of mine.

Are you going to
Scarborough Fair:
Parsley, sage, rosemary
and thyme.
Remember me to one



Feralia e Parentalia
na Roma Antiga
(Fevereiro)











PARENTALIA
FAMILIAE ꝛ NOVAE ROMAE

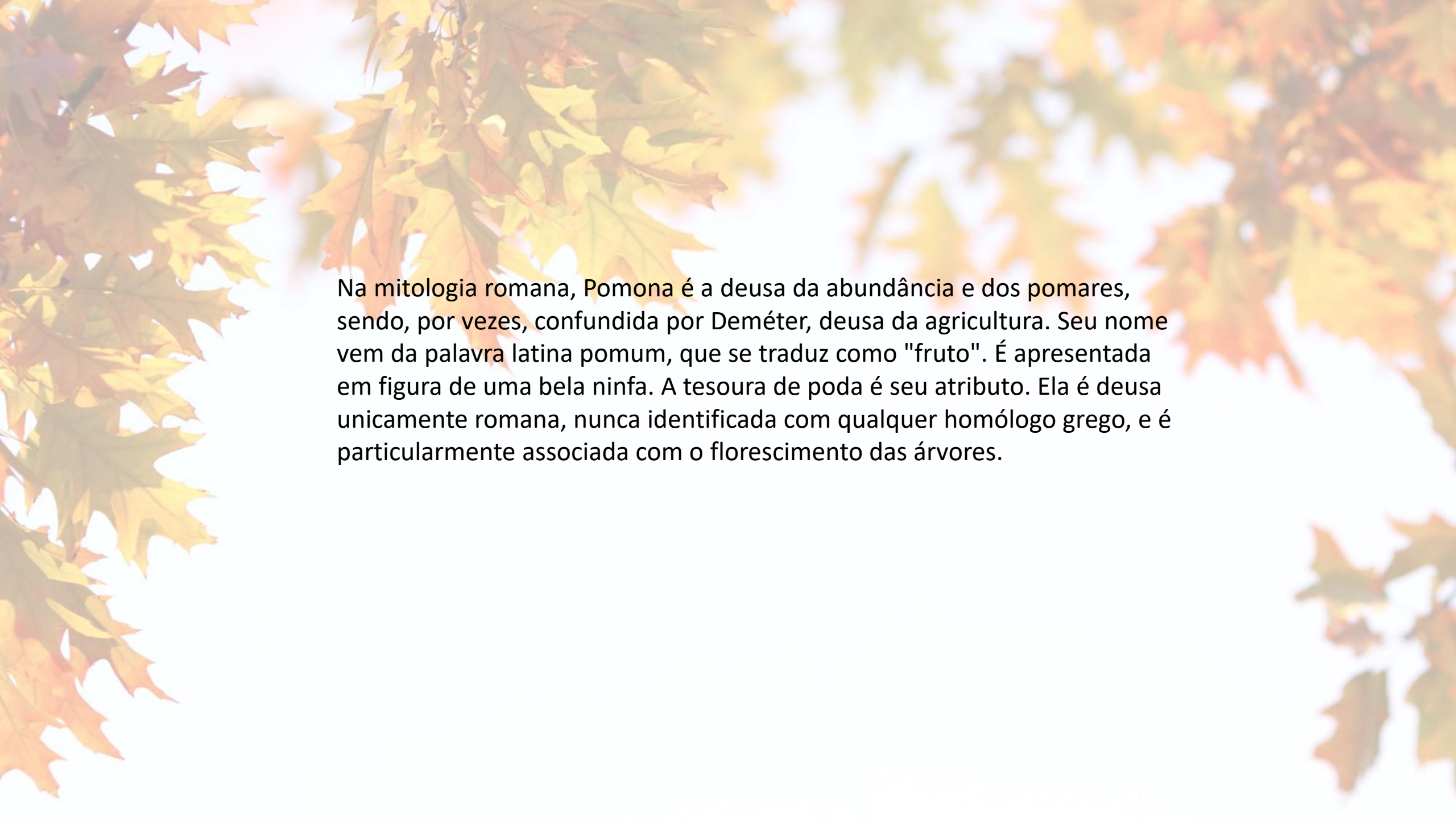








**POMONA – DEUSA ROMANA DA
ABUNDÂNCIA E DOS POMARES**

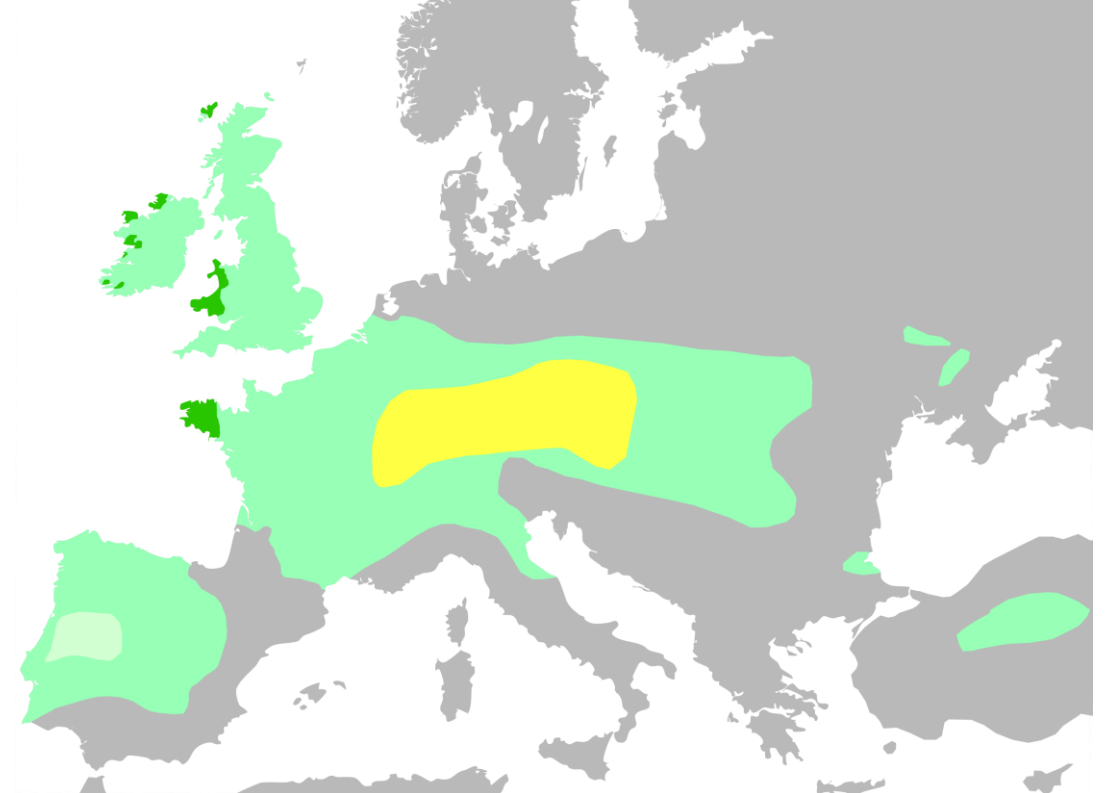
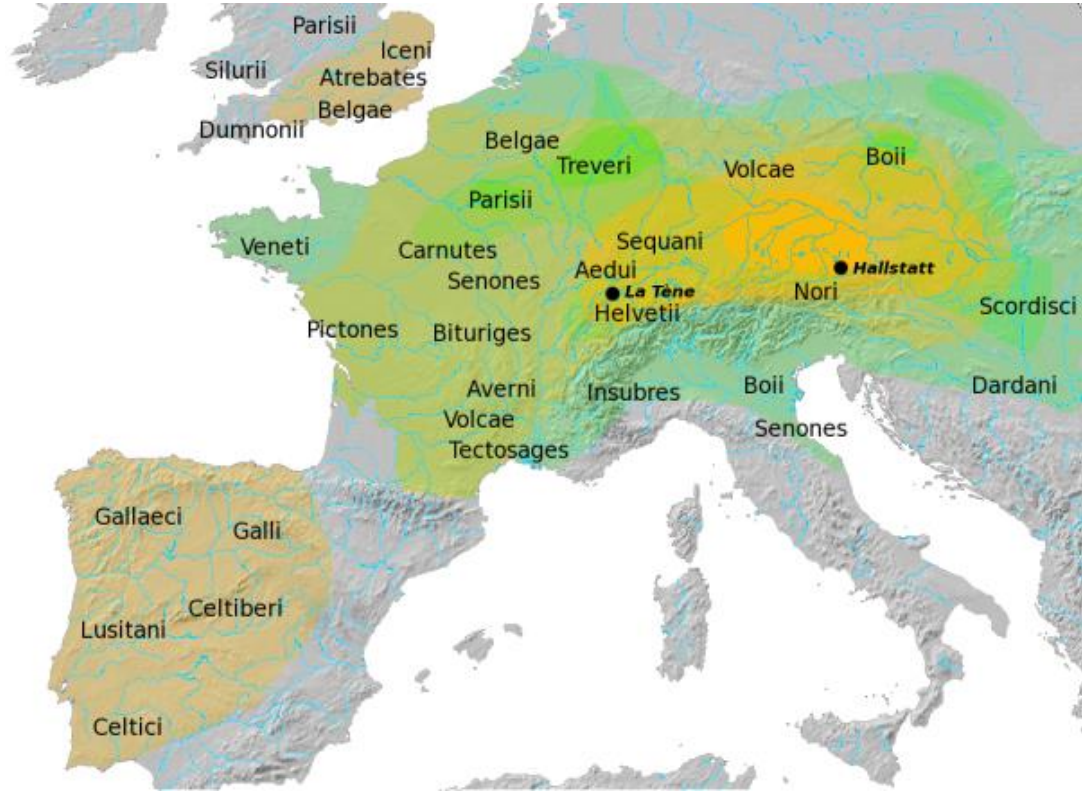


Na mitologia romana, Pomona é a deusa da abundância e dos pomares, sendo, por vezes, confundida por Deméter, deusa da agricultura. Seu nome vem da palavra latina pomum, que se traduz como "fruto". É apresentada em figura de uma bela ninfa. A tesoura de poda é seu atributo. Ela é deusa unicamente romana, nunca identificada com qualquer homólogo grego, e é particularmente associada com o florescimento das árvores.





CELTAS e DRUIDAS:
é aqui que a nossa história
começa realmente a ficar
interessante!





Reconstruction of a late La Tène period settlement in Altburg
near Bundenbach (first century BC)



Reconstruction of a late La Tène period settlement in Havranok,
Slovakia (second–first century BC)







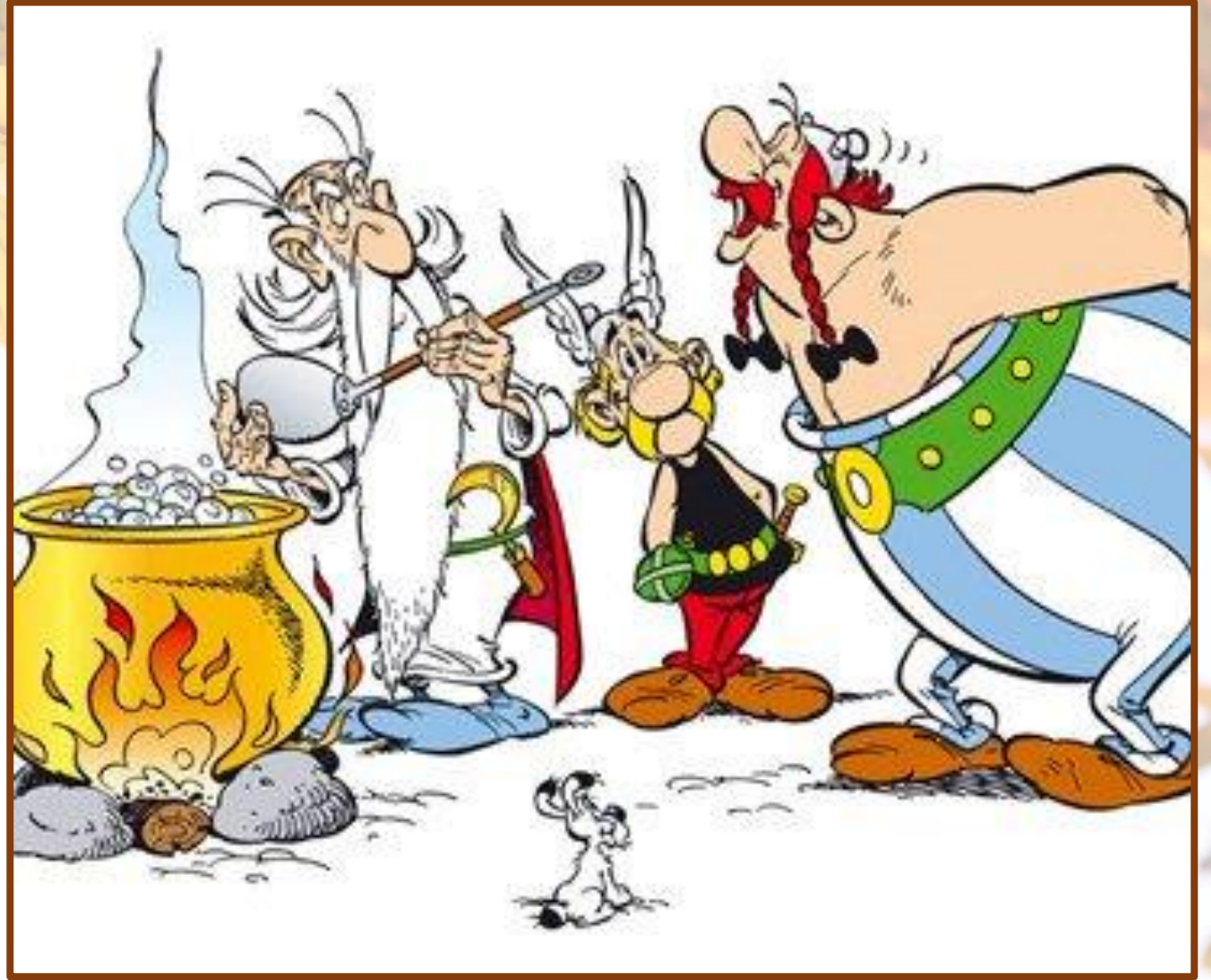
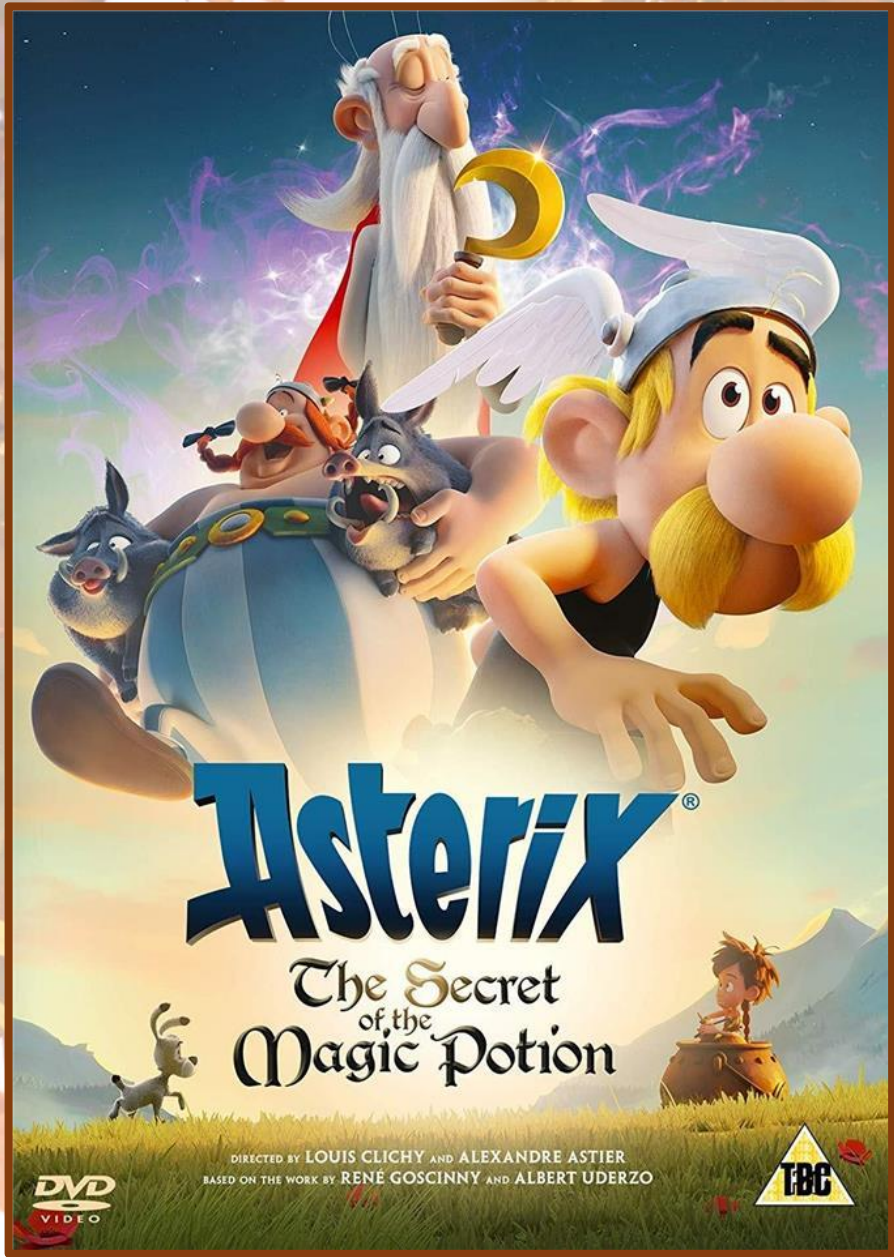
O Caldeirão *Gundestrup*



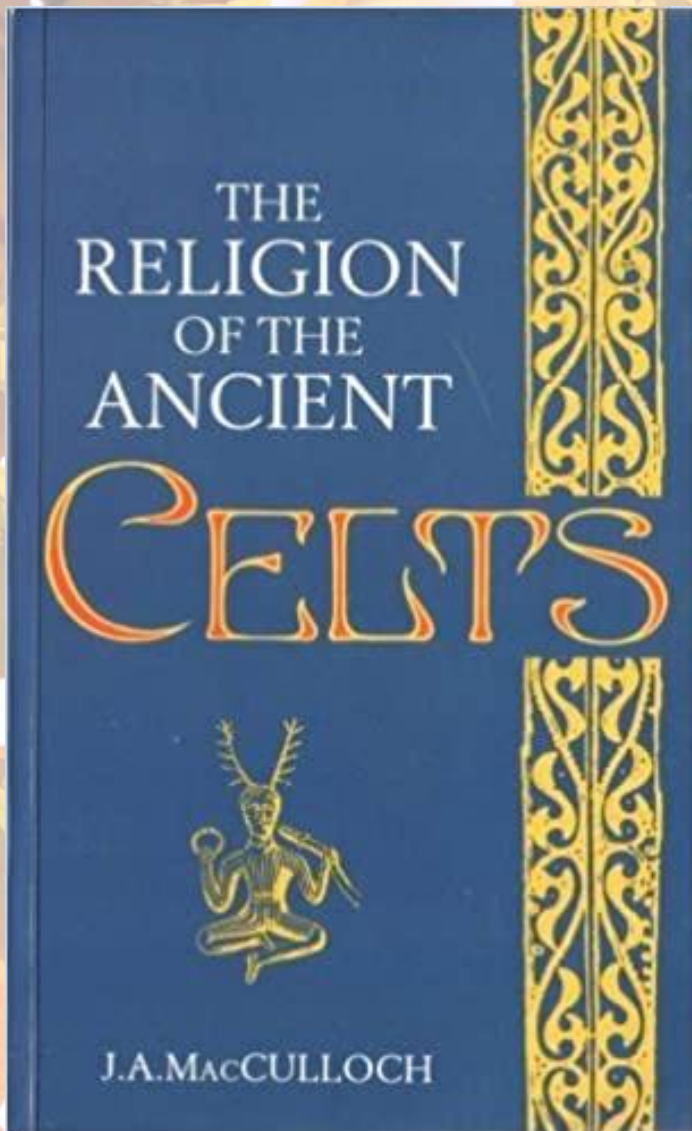












Os festivais Celtas eram conectados basicamente com a vida agrícola e pastoral, ou seja, com os ciclos da Natureza. Encontramos nos seus rituais não só uma religião mas uma visão mágica das coisas, com atos designados para assistir os poderes da vida e do crescimento.

Até hoje há traços dessas crenças nas regiões que foram habitadas pelos antigos Celtas, mesmo após quase 2000 anos de Cristianismo.

SAMHAIN – O FINAL DO VERÃO ou O ENCONTRO DAS PESSOAS PARA CELEBRAR

O ponto alto do calendário Celta era o SAMHAIN, ou o início do ano. Essa festa era uma ocasião extremamente importante tanto do ponto de vista social quanto religioso.

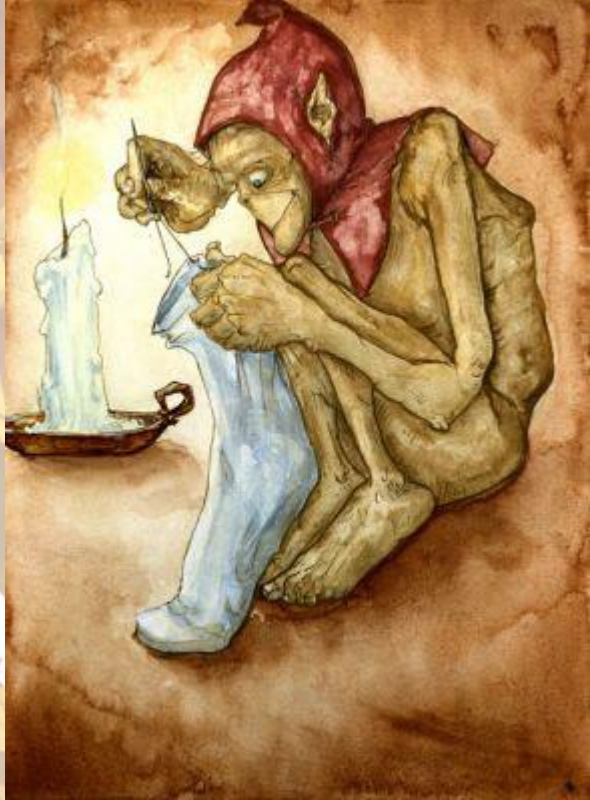
Relembrando: os Celtas viviam em regiões onde os invernos eram rigorosos e, como povos agrícolas, eles dependiam da força e vitalidade do Sol para sobreviverem. O INVERNO era como um demônio terrível e temido. Samhain era celebrado no dia 1º DE NOVEMBRO, marcando o fim do verão e das colheitas, o momento de matar os animais para preservar as carnes para o inverno.

Isso indica traços de que o Samhain era um FESTIVAL DAS COLHEITAS, como a atual Ação de Graças nos Estados Unidos e Canadá.

Exatamente como a data da Ação de Graças no Canadá é um mês antes do Thanksgiving americano porque as colheitas são feitas em épocas diferentes (o Canadá é bem mais ao norte e por isso “o inverno chega antes no Canadá”, parece que a celebração do Samhain mudou de data quando os Celtas passaram a conquistar terras mais ao sul, onde os “invernos chegam mais tarde”.

Para os povos antigos todos os períodos liminares, de passagem, eram extremamente importantes porque eram como portais abertos entre os dois mundos, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, das fadas, dos duendes, dos deuses e demônios.







THE FAIRY BIBLE

TERESA MOOREY



EVERYTHING YOU EVER WANTED TO KNOW ABOUT FAIRIES

“A round of applause for this demonic cast of characters! They let us glimpse, in other people’s demons, many of our very own.”
—Anna Deavere Smith, author of *Twilight*



A FIELD GUIDE TO DEMONS, FAIRIES, FALLEN ANGELS, AND OTHER SUBVERSIVE SPIRITS

CAROL K. MACK AND DINAH MACK





**MARTINMAS – 11 NOVEMBRO – DIA DA MATANÇA – DIA
DE FESTAS E CELEBRAÇÕES NA COMUNIDADE**





Havia grande respeito pelos animais abatidos e se temia que os espíritos desses animais voltassem para se vingar.

Os homens saíam vestidos com peles e máscaras com chifres, muito provavelmente para “assustar” e “amendrontar” esses espíritos.

O fogo sempre era presente em todas essas celebrações.





Era também muito importante fazer OFERENDAS aos deuses e aos espíritos, para apaziguá-los. Em geral se ofereciam FRUTAS e ALGUM PRODUTO DE PANIFICAÇÃO (DOCE).

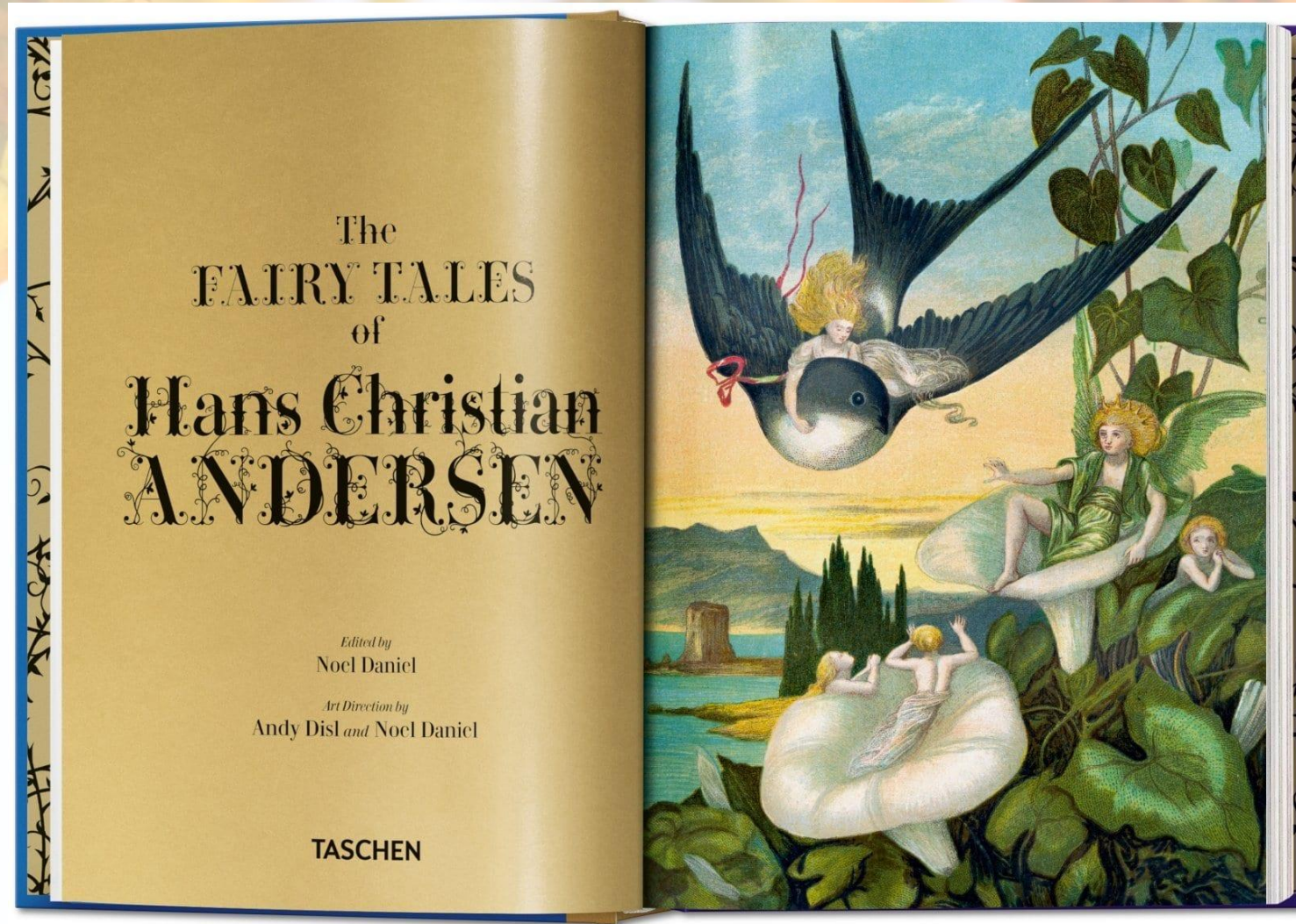
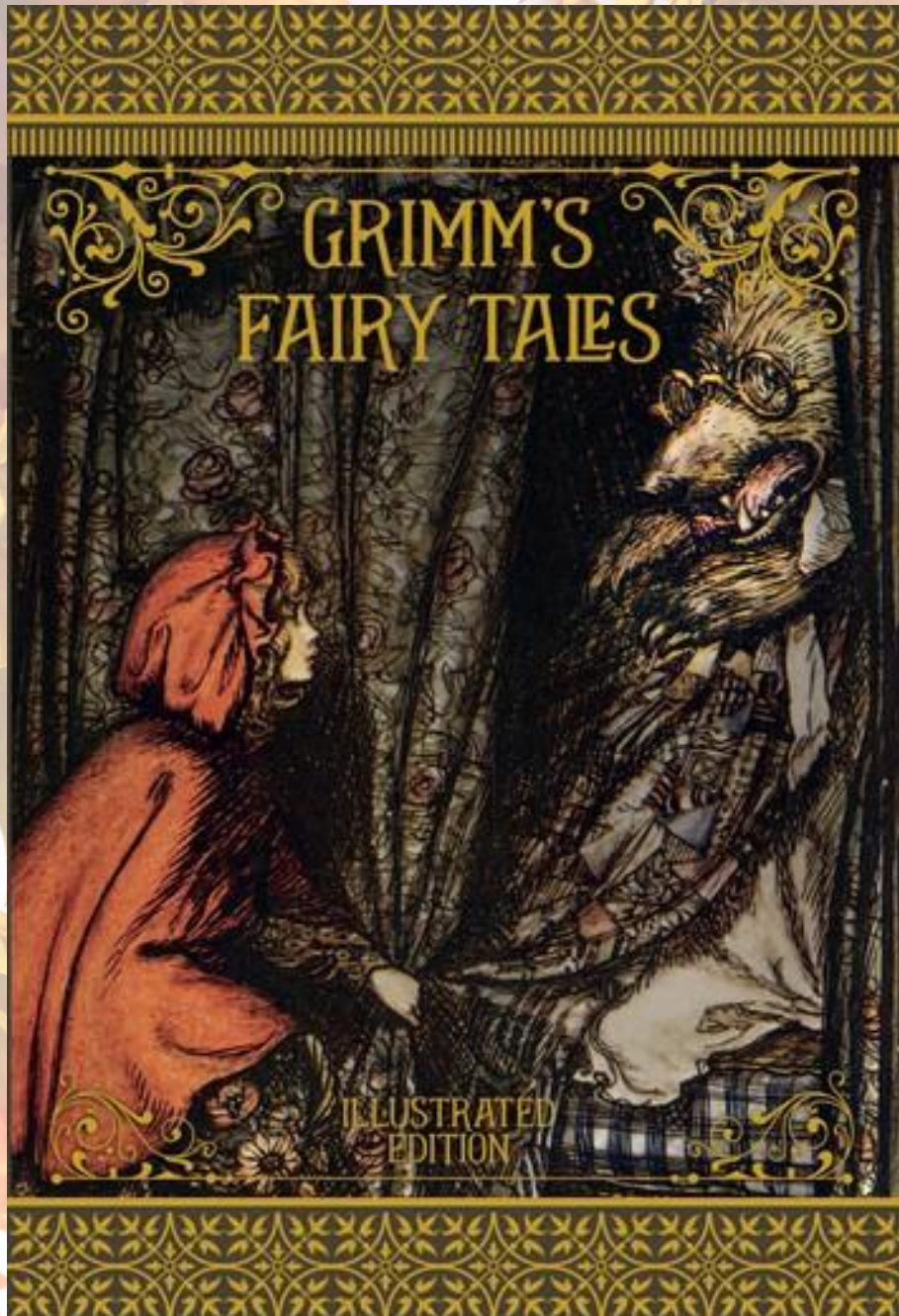
A MAÇÃ ERA UMA FRUTA ALTAMENTE SIMBÓLICA PARA OS CELTAS E TODOS OS POVOS NÓRDICOS.

Mais tarde, já na Idade Média, as crianças saíam às ruas pedindo contribuições para as fogueiras rituais e muitos recebiam maçãs e doces tanto nessa época quanto no YULE (NATAL). Essa é a origem do TREAT OR TRICK.





**NOTAR QUE TANTO OS CONTOS DOS
IRMÃOS GRIMM QUANTO OS DE HANS
CHRISTIAN ANDERSEN SE PASSAM EM
GERAL NAS FLORESTAS E QUE OS SERES
QUE APARECEM SÃO EXATAMENTE OS
DAS MITOLOGIAS NÓRDICAS.**







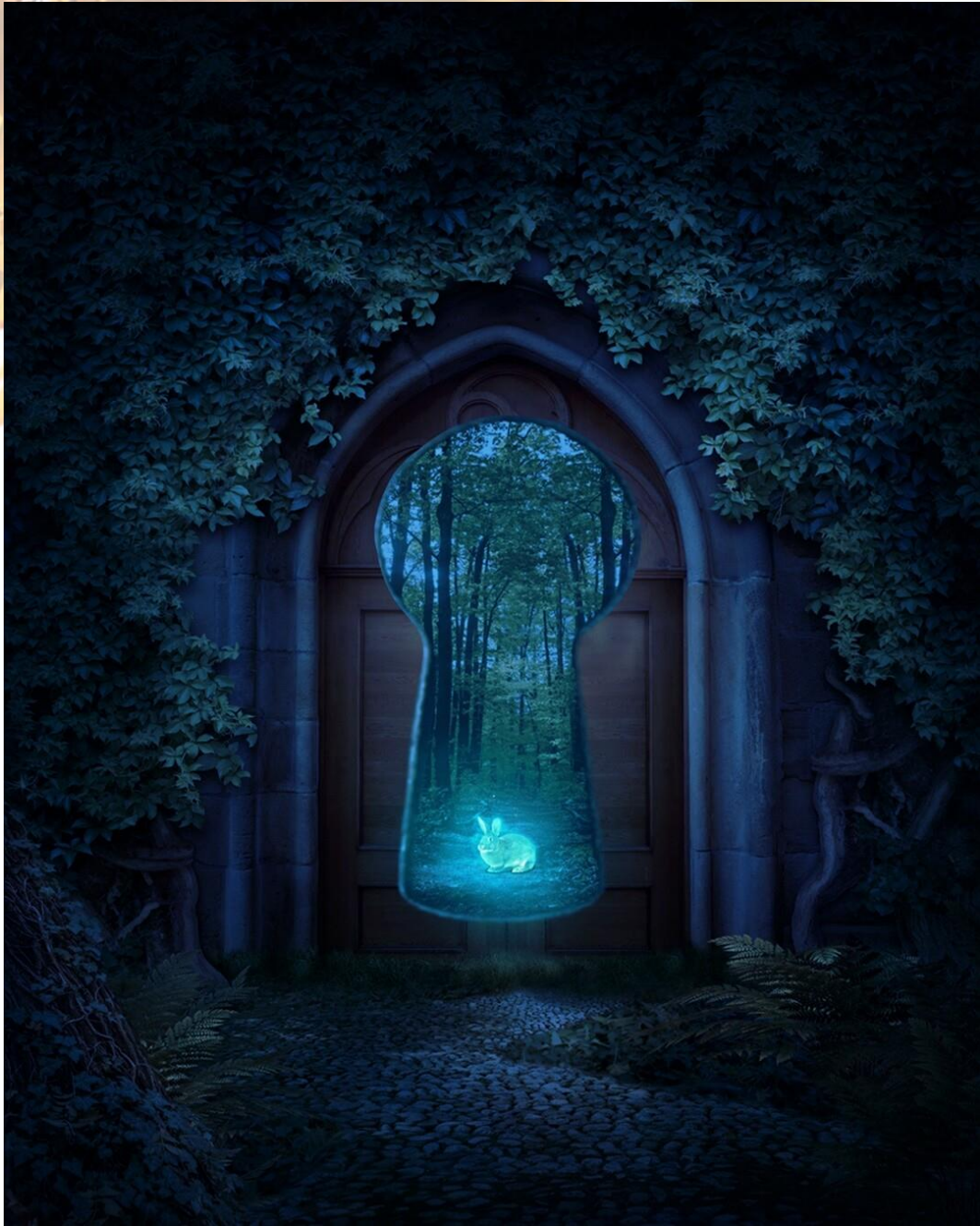




Com os portais abertos entre os dois mundos – o mundo dos vivos e o mundo dos mortos – era possível que os espíritos dos mortos voltassem à terra no dia 1º de Novembro.

Por isso SAMHAIN era também o festival dos mortos, cujos espíritos tinham que ser alimentados para que eles não se vingassem dos vivos.

A COMIDA E A BEBIDA PASSAM A SER DESDE ENTÃO ELEMENTOS CENTRAIS DAS CELEBRAÇÕES DO SAMHAIN, UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO ENTRE VIVOS E MORTOS, UMA FORMA DE HONRAR OS ESPÍRITOS DOS ANTEPASSADOS, LHES PEDIR PROTEÇÃO E AJUDA.



**Mas o pior de tudo eram os maus espíritos,
que poderiam vir para roubar as crianças
(samhanach ou a bruxa do João e Maria), e
os pássaros malignos que vinham destruir as
colheitas e enfeitiçar os campos.**



Em resumo: SAMHIN era um festival que comemorava tanto a Morte quanto a Vida.

Era o prelúdio para as celebrações de YULE que hoje celebramos como NATAL.

The image features a close-up of a tree branch with several leaves in various stages of autumn color, ranging from bright yellow to deep orange and red. The leaves are set against a clear, light blue sky. The overall composition is bright and airy, with a soft focus on the background.

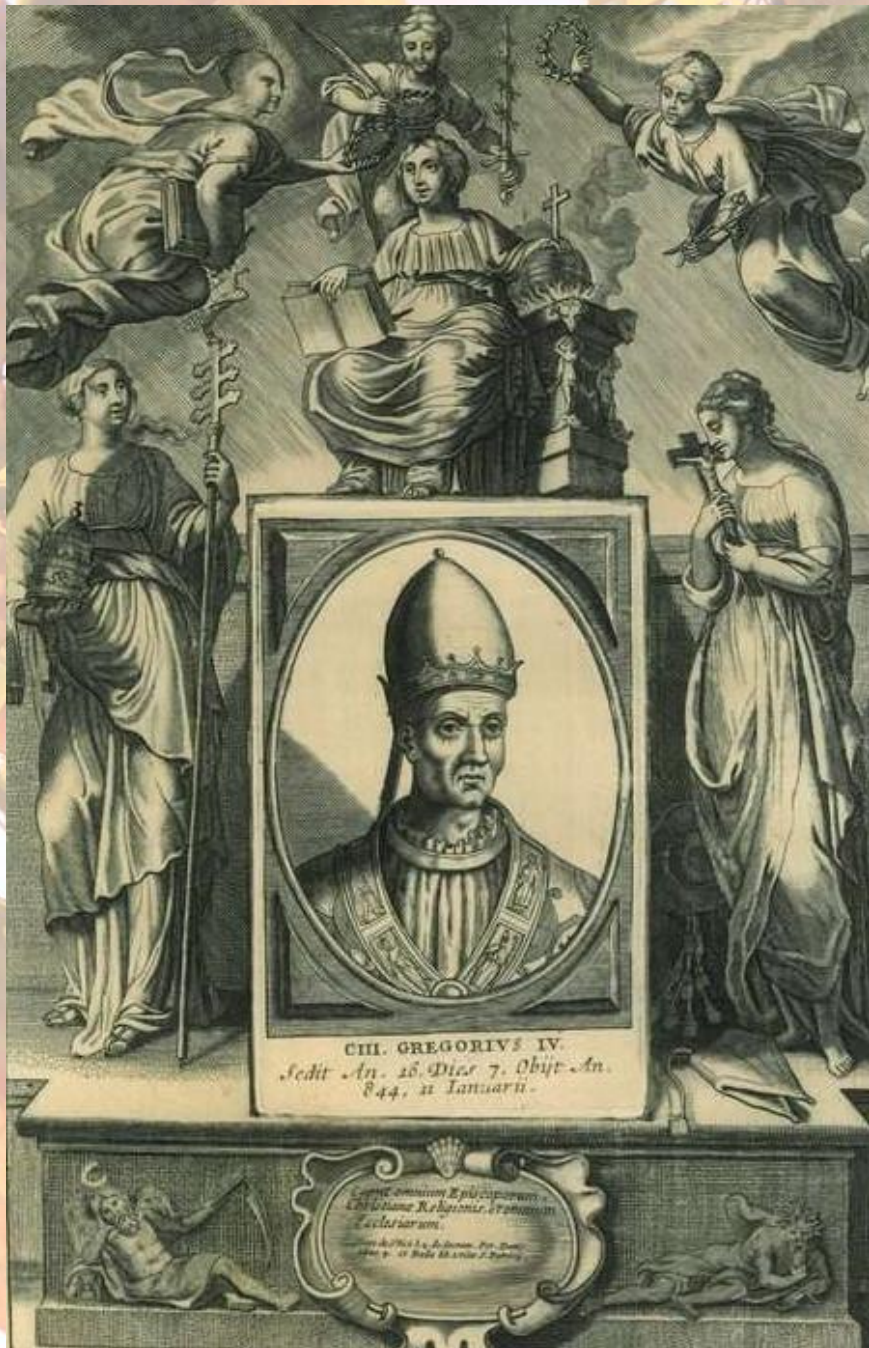
CRISTIANISMO E O 'FIM' DO PAGANISMO



M·AGRIPPA·L·P·COS·TERTIVM·FECIT

Em 13 de maio de 610 (ou 611) o Papa Bonifácio IV (r. 608-614) consagrou o antigo Panteão romano como uma Igreja dedicada à Virgem Maria e a todos os Santos Mártires.

O Dia de Todos os Santos foi colocado naquele momento em uma data que tinha sido uma festa muito popular na Roma pagã. O dia 13 de Maio era a data em que os antigos romanos celebravam a Festa de Lemuria, em que eles buscavam através de ritos especiais afastar os maus espíritos dos mortos de suas casas ou vidas.



Em 835 o Papa Gregorio IV (827-844) declarou o dia 1º de Novembro como o dia para celebrar todos os santos. Nesse tempo a maioria dos santos eram mártires e não se celebrava o Nascimento, mas a Morte como um momento especial: Die Natalis. Ou seja, quando se nascia para uma outra vida: a vida eterna.

Sabemos que a partir dessa época mais e mais povos do Norte da Europa foram cristianizados. Nunca saberemos ao certo se o Papa Gregório consagrou uma capela na Basílica de São Pedro a Todos os Santos no dia 1º de Novembro justamente por saber que era essa a data em que os povos nórdicos celebravam Samhain e principalmente, a véspera (dia 31 de Outubro), como um dia de comunicação com os mortos. Mas tudo indica que sim ... já que existem textos da Igreja Católica que indicam que outras datas e celebrações pagãs foram assimiladas dentro do catolicismo.

DIA DE TODOS OS SANTOS EM OUTROS IDIOMAS

English	All Saints' Day
Croatian	Dan svih svetih
Dutch	Allerheiligen
Finnish	Pyhäinpäivä
French	La Toussaint
German	Allerheiligen
Hungarian	Mindenszentek
Italian	Tutti i Santi
Norwegian	Allehelgensdag
Polish	Wszystkich Świętych
Portuguese	Dia de Todos-os-Santos
Slovak	Sviatok všetkých svätých
Spanish	Día de Todos los Santos
Swedish	Alla helgons dag

HALLOWEEN

e seus

símbolos



Halloween ou **Hallowe'en** (a contração de "All Hallows' evening" ou Véspera de Todos os Santos) é também conhecida como **Allhalloween, All Hallows' Eve, or All Saints' Eve**, é a celebração comemorada em muitos países no dia 31 de Outubro, véspera da festa de Todos os Santos.

Na Cristandade é o momento do ano de se celebrar os mortos, incluindo os santos (HALLOWS), mártires e todos os que partiram na fé.

Vamos nos recordar de alguns pontos:

1. Os pagãos do norte da Europa celebravam sempre **A VÉSPERA DAS FESTAS**.
2. Os católicos criaram uma visão particular da vida após a morte, que os Protestantes mais tarde refutaram: a do **PURGATÓRIO**.
3. O Dia de Finados seria então o momento para rezar pelos defuntos que porventura estivessem no Purgatório, para que os Santos intercedessem por eles para que fossem mais rapidamente ao Céu ou Paraíso.
4. Essa prática parece ter surgido no século 9 entre algumas ordens monásticas, quando os frades começaram a relembrar os membros de suas comunidades mortos. Desses monastérios a celebração foi se generalizando entre os cristãos. Os Espanhóis foram os que mais disseminaram essa prática.
5. Junte-se a isso a antiga e milenar tradição dos Celtas – o Samhain – e temos os ingredientes perfeitos para as celebrações atuais.
6. Nota: os Cristãos Ortodoxos não celebram o Dia de Finados.

NOTAR A PRESENÇA DA GRANDE LUA *HARVEST* ou *HUNTER MOON*







**IDADE MÉDIA, FOME, EPIDEMIAS
(PESTE NEGRA) E A TRADIÇÃO DA
DANÇA MACRABA E DA FIGURA
DA MORTE, INCLUSIVE NAS
CARTAS DO TARÔ**









**JACK O'
LANTERN
(Legenda
Irlandesa)**

O Jack O'Lantern só passou a ser uma abóbora quando os Irlandeses imigraram para os Estados Unidos. Na Europa – e principalmente na Irlanda, de onde veio a lenda – eram usados NABOS.

Segundo a lenda, Sling Jack era um homem muito esperto e um dia foi beber com o Diabo, mas não queria pagar a bebida. Jack disse ao Diabo que duvidava que ele pudesse se transformar em moedas e o Diabo, muito bobinho, se transformou para provar que podia. Jack pagou a bebida e guardou a moeda que era o Diabo. Guardou no bolso junto com uma moeda que tinha uma cruz, assim o Diabo não poderia se safar. Um dia ele liberou o Diabo e esse veio buscá-lo, mas Jack o enganou novamente e disse ao Diabo que só o liberaria se o Diabo o deixasse em paz por um ano. Passou o ano, Jack morreu. Mas Deus, ao ser do tipo que ele era – que enganava até o Diabo – não quis saber da alma dele e o mandou pro Diabo.

O Diabo, para se vingar, foi buscar um tição nos infernos e deu-o o Jack, condenando-o a vagar pelo mundo tentando encontrar um lugar para descansar. Jack colocou o tição, a brasa, dentro de um nabo para servir como lâmpada.

E é por isso que em noites como a do Halloween, vemos a lâmpada de Jack, vagando pelo mundo, sempre buscando um lugar, como uma ALMA PENADA.









TRICK
OR
TREAT





DÍA DE MUERTOS MÉXICO



CATRINA MEXICANA!







DE JOSÉ GUADALUPE
POSADA:

*"La
Calavera
Garbancera"*

JOSÉ GUADALUPE POSADA (1852-1913)





REMATE DE CALAVERAS ALEGRES

— Y SANDUNGUERAS —

Las que hoy son empolvadas GARBANCERAS,
pararán
en
deformes
calaveras.



Hay hermosas garbanceras,
De coral y alto tacón;
Pueden haber de ser calaveras
Calaveras del salón.

¡Gata que te pides obsequio
Con ladrillo o bencollín!
La muerte dirá: «No escapas»,
«Eres orfeneo del salón».

Un empuje voy a hacer,
Con gran justificación,
Y así de bien se aparecer
Muchas crónicas del salón.



Si fueran las Petrus airacas
Las Chabidas y Manecolas,
Que guacras y manecolas
Son flojas y juguetonas
Y rompen muchas costuras.
La puntada misteriosa,
Que impere al A del al Pánico.

Han de dejar sin oxenos
Los halcones y el cuapé,
Y en un torpe cual de tusa,
Se hundiera con todo y blusa,
Con chuclos y con coral.

Las Narceles y las Sarsas

Pero no quieren olvidar
A las listas Margeritas,
Tan arcaicas de bailar,
Y a quienes gusta coquetar,
Porque en esas son muy bellas.
La muerte las va de leer,
Sin mirar su presunción.









LA OFRENDA – ALTAR DE MUERTOS



EL ALTAR Y SU SIGNIFICADO



Estos son los elementos que destacan en una tradicional ofrenda de muertos. El 1 de noviembre dedicado a los niños difuntos y el 2 para los adultos, las familias del país se dan a la tarea de preparar ofrendas para sus muertos con las que han de invitarlos a visitar su antiguo hogar.

Farol o estrella de luz
Para que los difuntos no pierdan su casa

Papel picado de colores
Unión entre la vida y la muerte

Banquete
Para celebrar la llegada de las ánimas (Lo favorito del difunto, se puede incluir alcohol, cigarros y dulces)

Sahumerio con incienso o goma de copal
El paso de la vida a la muerte y aleja los malos espíritus

Plato con sal
Purificación para que el alma no se corrompa

Cruz de cal en el piso
Representa los cuatro puntos cardinales

Camino de flores de la puerta al altar
Para guiar el camino de las almas a la ofrenda

Juguete
Para la diversión de los niños difuntos

Velas y veladoras*
Ascensión del espíritu, símbolo de amor que guía a las almas al altar

Objetos personales del difunto
Pueden ser fotos o algo que utilizaban

Calaveritas
De azúcar o chocolate, representan a los difuntos de la familia

Flores
Blancas: El cielo
Amarillas: Tierra (cempasúchil, guía a los espíritus a este mundo)
Moradas: El luto

Pan de muerto
Representa la generosidad del anfitrión, y el regalo de la tierra misma

Vaso de Agua
Para mitigar la sed de las almas y fortalecerlo para su regreso

COMIDA TÍPICA PARA LA OFRENDA
Arroz, mole, calabaza en tacha, frutas de la temporada (naranjas, cañas, Tejocotes, jicamas, mandarinas etc.)

Plato de sal
Como elemento purificador del alma.

Pan de muerto
Parte de los manjares del altar.

Comida típica
la favorita de las almas, para recobrar la energía perdida en su viaje desde el más allá.

Cruz de sal en el piso
En representación de los cuatro puntos cardinales.

Velas y veladoras
Presencia del elemento fuego, se enciende una para cada difunto.

Juguete
Se colocan en los altares para niños difuntos.

Frutas
Presencia del elemento tierra.

Objetos personales
Para que el alma recuerde su paso por la vida.

Flores
Su llamativo color indica a las almas el camino hacia este mundo.

Vaso de agua
Presencia del elemento agua.

Calaveritas de azúcar.
Como recordatorio a los vivos del dulce destino final.

Ofrenda de Muertos

El altar de muertos es el elemento principal de la tradición mexicana del Día de Muertos, en donde se colocan ofrendas, flores y alimentos en honor a los seres queridos ya difuntos.



Pan de muerto
Parte de los manjares del altar.



Plato de sal
Como elemento purificador del alma.



Cruz de sal en el piso
En representación de los cuatro puntos cardinales.



Comida típica
la favorita de las almas, para recobrar la energía perdida en su viaje desde el más allá.



Juguete
Se colocan en los altares para niños difuntos.



Velas y veladoras
Presencia del elemento fuego, se enciende una para cada difunto.



Objetos personales
Para que el alma recuerde su paso por la vida.



Frutas
Presencia del elemento tierra.



Vaso de agua
Presencia del elemento agua.



Flores
Su llamativo color indica a las almas el camino hacia este mundo.



Calaveritas de azúcar.
Como recordatorio a los vivos del dulce destino final.





Mantel Blanco y Sal

El color del mantel y la sal significan pureza y alegría.



Velas y veladoras

La flama de las velas o veladoras es la luz, la fe y la esperanza para que encuentren el regreso a su antiguo hogar.



Calaveritas

La calaveritas de azúcar representan los cráneos humanos.



Agua

En el viaje de los difuntos hacia nuestro mundo, el agua les quita la sed.



Copal y Cruz de Ceniza

Se utiliza para limpiar el lugar de las "malas vibras" y los malos espíritus.



Papel Picado y Petate

El papel es una representación al aire. El petate se utiliza para que los muertos descansen.





Izcuintle

Los perritos prehispánicos ayudan a las almas a cruzar el río Chiconauhuapan, el inframundo para los mexicas.



Flores

Se utiliza el Cempasúchil porque representa al sol que guía el alma del difunto. Para los niños el alhelí o nube representa la pureza e inocencia.



Comida, bebida y pan de muerto

Se cocina en honor a los seres recordados, por lo que se pone su comida favorita.



Retrato

Una fotografía del ser querido quiere decir que él será el que visitará la ofrenda.







A lenda da Flor de Cempasúchil (cravo-de-defunto)

Esta hermosa leyenda cuenta la historia de amor de dos jóvenes Aztecas, **Xóchitl** y **Huitzilin** así como la leyenda sobre la flor de **Cempasúchil**.

El romance de estos dos jóvenes comenzó cuando aun eran pequeños. Siendo niños se divertían jugando juntos y disfrutando de los alrededores de su pueblo. Con el tiempo, fue natural que entre ellos un gran amor floreciera.

Cuentan que todas las tardes subían a lo alto de la montaña a llevarle flores a Tonatiuh, el dios sol, él parecía sonreírles desde las alturas ante la ofrenda de los enamorados, y ellos juraron amarse por siempre, incluso más allá de la muerte.

Un día llegó la guerra y los amantes tuvieron que separarse ya que le joven Huitzilin tuvo que marchar a luchar.

Tristemente al poco tiempo llegaron noticias de que Huitzilin había sido herido y finalmente muerto. La bella Xóchitl sintió que su corazón se quebraba de dolor.

Decidió subir por ultima vez a la montaña para implorarle a Tonatiuh, el dios sol, que la uniera por siempre con su amor. El sol conmovido lanzo uno de sus rayos y al tocar a la joven la convirtió en una hermosa flor, de colores tan intensos como los mismos rayos del sol.

Al poco tiempo llegó un colibrí que amoroso se poso en el centro de la flor.

Era Huitzilin que se había transformado en un bello colibrí. Al instante la flor se abrió en 20 pétalos, de aroma intenso y misterioso... Los enamorados estarían siempre unidos mientras existieran flores de cempasúchil y colibríes.

Es así como nació la flor de cempasúchil, la flor de muertos.





**FINADOS NO
BRASIL DE
ANTIGAMENTE**

.....
Coleção Biblioteca Básica Brasileira

FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES DO BRASIL

Melo Moraes Filho

Diretor-Arquivista da Municipalidade do Rio de Janeiro

Prefácio de Sílvio Romero

*Desenbos
de Flumen Junius*



Brasília – 2002

Era no tempo em que este país revelava o espírito tradicional da velha metrópole, e a alma popular mirava-se na serenidade azulada do céu.

Naqueles dias de outrora, em que se acreditava nas virtudes maternas e na existência de Deus, a religião conduzia o homem, do berço ao túmulo, entre cantares e flores, harmonias e lamentações.

A morte, para os nossos maiores, nunca se afigurou o cadáver boiando podre nas maremas lívidas do Nada, porém a continuação da vida, o despertar da individualidade persistente, numa existência póstuma.

Daí, os piedosos deveres para com os que haviam deixado este mundo, que na compreensão antiga nada mais era do que um vale esguio e tenebroso, onde a missão do homem é rir e chorar como um louco, até cair como um ébrio nas portas da eternidade.

Às desigualdades da vida, a comemoração dos fiéis defuntos traçava um nível que continha o rei e o vassalo, o rico e o pobre, o senhor e o escravo. Dir-se-ia que o dia de finados destinava-se à representação da célebre *dança macabra*, em que a Morte, saindo da sombria

noite da Idade Média, passava revista às legiões de fantasmas refugiados em seus glaciais domínios, mas para conciliá-los pelo perdão e a prece, em climas melhores.

É que o cristianismo, levantando o archote que fuma sob o pé do Gênio funerário da arte grega, transformou-se num facho sideral, à luz do qual as almas remoinham em bandos na beatitude dos eleitos – lá onde o dia é sem noite, a vida sem morte, e a verdade não travada de erro!

Nesta festa lúgubre do ano, cada um constatava as perdas que havia sofrido, o número dos que sucumbiam pelejando a seu lado na grande batalha da vida...

Aqui, era o pai de família que orava em pranto pela esposa que fora dormir o sono dos túmulos; ali, a viúva desolada e sem pão, que preparava a oferenda fúnebre para o marido, que tão cedo lhe caíra dos braços; acolá, a jovem mãe que soluçava pendida sobre um berço vazio...

E os convidados da Morte seguiam em procissão fúnebre, com ramos de saudades e amores-perfeitos, de sempre-vivas e ciprestes, com grinaldas e emblemas, no solene cortejo, em que a rainha coroada era um esqueleto com panejamentos negros, tendo em uma das mãos descarnadas uma foice, e na outra a ampulheta simbólica.

No meio das igrejas, aquela figura medonha parecia o espectro de um abutre de Josafá, peneirando de suas asas esgarradas e hélicas a cinza dos mundos!

*

O dia de finados subordinava-se a estilos preambulares. O primeiro cuidado das famílias era, com bastante antecedência, mandar falar a um padre para dizer a missa pelo defunto, rezar responsos e mementos à sepultura dos seus. Isto feito, enviavam-se emissários ao Mamede da Silva Passos, da Rua da Vala, ao Raimundo de Andrade Leite, da Rua do Hospício, ao Joaquim Teixeira de Castro, da Rua da Carioca, e a outros armadores, para que fossem armar à frente das catacumbas murais e as banquetas, colocando sobre estas as urnas funerárias, com inscrições e fechos de prata, circuladas de castiçais e serpentinhas do mesmo metal, com velas de cera.

À porta dos templos, sanefas pretas de largos apanhados, agaloadas de branco ou de amarelo, enchiam-se ao vento, e, desde a véspera

às três horas, até às seis da tarde seguinte, o carrilhão dos mortos soava o lamentoso aniversário.

De véspera, igualmente, um povo estranho, de calça curta e estreita, de barba rapada ou à inglesa, de opa verde, vara e pequena bacia de prata, afrontava os transeuntes, entrava pelos corredores, batia nas rótulas, implorando, com acentuação pausada e reverente:

– Pra missa das almas!...

E os meninos e as moças, os velhos e os rapazes, davam esmolas de dinheiro, enquanto que o escravo de quitanda ou do ganho fazia diante do irmão das almas leve genuflexão, antes de depor sobre a bacia reluzente um ovo, uma banana, uma laranja, ou uma moeda de dez réis.

– As almas santas lhe ajudem; dizia o figurão da irmandade de S. Miguel e Almas, prosseguindo, com a sua opa de seda, que lhe descia abaixo da curva das pernas.

– Amém, respondiam, benzendo-se, os pobres cativos, compenetrados de sua ação meritória.

E todos os sinos dobravam, pedindo sufrágios pelos mortos, ao passo que imenso povo, vestido de luto, desfilava tão pesaroso, que nem um sorriso dourava-lhe o semblante severo.

As mães conduziam pela mão os tristes filhinhos, que levavam à memória paterna goivos enlaçados de ciprestes; as famílias encaminhavam-se às igrejas, com grinaldas de ciprestes e de flores, que depositavam sobre o crepe das banquetas e nos ângulos dos ossários; o escravo procurava de preferência a igreja da Lampadosa, de Santa Ifigênia, do Rosário e de S. Domingos, onde chorava os seus companheiros de infortúnio, nas covas sem letreiro e sem luzes, em que haviam desaparecido.

E eram eles bem felizes, porque descansavam na casa de Deus!... Em épocas anteriores, o cemitério das alimárias, em Catumbi, e a vala de Santa Luzia não distinguiam, no desabrigo e no solo, o pobre filho da África do cão que se sacia e morre na lama das ruas!

E o vácuo abria-se no lar... e os sinos dobravam lúgubres como o pensamento da vida eterna...

Nos conventos e nas ordens terceiras, onde o culto dos mortos revestia-se de todo o aparato litúrgico, as pompas fúnebres do rito executavam-se majestosas, de acordo com o caráter decorativo do recinto sagrado.

No altar-mor fechava-se o trono com um véu preto e docel da mesma cor, destacando-se ao fundo a sacrossanta imagem do Cristo, de tamanho natural, com o corpo cheio de sangue e os olhos cheios de perdão. No plano abaixo do cruzeiro, elevava-se custoso catafalco, coberto de veludo preto, com uma cruz prateada ao longo, ladeado de ciprestes e seis tocheiros de prata, tendo na frente, que deitava para o vestibulo, uma caveira assentada sobre duas tíbias cruzadas, e a cada canto inscrições tiradas da Bíblia:

Pulvis es, et in pulverem reverteris.

Sic transit gloria mundi.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, multis miseriis.

Memento mori, etc.

À porta de cada igreja, um irmão das Almas e uma chusma de mendigos pediam esmolas a quem entrava – o que não lhes era recusado –, por intenção de algum parente morto, pelo qual se comprometiam a rezar um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

– Pra missa das almas!... repetiam a instantes os prepostos da irmandade, adiantando a bacia, e dando a beijar a vara de prata com a imagem esculpida de S. Miguel e Almas.

E a missa estava no altar, o canto gregoriano batia as suas ondas de sagrada harmonia, que reboavam no espaço e nas naves, refluindo no coração dos fiéis. Depois as estações cantadas no claustro, os ofícios, os momentos e as missas particulares em todos os altares.

Sobre as sepulturas do corpo da igreja e dos claustros viam-se aqui e ali panos pretos com cruces de galão, e às quatro extremidades ricos castiçais com velas acesas...

E as flores serviam de lágrimas à morte, como as lágrimas de flores à vida!

Nas catacumbas armadas de veludo negro, sobressaía o nome do morto que encerravam dísticos, emblemas, inscrições diversas.

Parava-se diante de cada uma, os meninos soletravam assombrados as legendas fúnebres, os velhos ruminavam uma prece úmida de pranto, e estes e os mais penduravam às maçanetas e à cruz inclinada das urnas as grinaldas que íriam fanar-se ao contato frio da morte.

E os frades, atravessando lentos aquelas vastidões consagradas, murmuravam o memento, com a fronte pendida e as mãos ocultas na

manga do burel, como se acompanhassem solenes uma procissão de além-túmulo.

As grandes senhoras, os personagens ilustres, o cidadão pouco avultado, a família obscura, o escravo, enfim, percorriam os templos, rezando as suas orações, encomendando os seus mortos, assistindo às missas em sufrágios, que diziam-se até as três horas. Então o povo saía, dispersava-se sem tumulto, cômico de haver desempenhado religiosos deveres.

Daqui e dali, no adro das igrejas, a mão de um pobre estendia-se ao passante, e um coro de vozes rompia em tons pungitivos:

– Pelas almas santas benditas!...

E outro, mais forte:

– Pra missa das almas!

E os sinos dobravam pelos fiéis defuntos, até que a noite aninhava-lhes de novo o túmulo no silêncio e no mistério.

Com a febre amarela, ficaram abolidos os enterramentos nas igrejas, inaugurando-se a abertura dos cemitérios públicos em 1851, necessidade esta reclamada pelo crescido obituário.

Desde logo, o dia de finados tomou outra feição, que se foi apagando pouco a pouco, e de que apenas subsiste uma idéia vaga, confusa, profanada.

Na primitiva, porém, quando a veneração pelos restos dos que nos foram caros ainda era legítima, a herança desses costumes manifestava-se pelas pompas exteriores do momento, reverberando sobre a população claridades suaves e patrióticas.

De pé a tradição, a mudança de lugar determinara ligeiras variantes, e mais tarde estúpidos abusos.

Como no passado, as famílias preparavam-se, contratando sacerdotes para as missas, para os responsos nos cemitérios. De véspera, pela madrugada, partiam escravos com grandes tabuleiros à cabeça, samburás, cestos, etc., em que iam castiçais com mangas de vidro, serpentinas e medallhões com emblemas adequados, ornamentos que a saudade ofertava em lembrança dos que haviam purificado na campa a vestidura terrena.

Os negros, na insolação do descampado, lá permaneciam todo o dia, guardando a prataria, mudando as velas que se gastavam.

Devido à distância, os ricos, nas suas belas equipagens, e a gente mais modesta em *omnibus fluminenses* seguiam o mesmo itinerário, carregados de flores e coroas fúnebres, para depositar nos jazigos suntuosos e na cova rasa, onde uma cruz de pau pintada de preto dava prantos de orvalho às memórias ignoradas.

O povo, caminhando em devotas romarias, distribuía-se em direções diferentes, conforme os cemitérios; mas contrito, trajado de luto, com o braço enfiado em coroas de ciprestes, conduzindo as suas lembranças funerárias.

Ao avistar-se a cidade da Morte, o coração confrangia-se, o sentimento religioso dominava da altura celeste, embalado pela brisa que soluçava entre os arvoredos isolados das longas avenidas.

No mármore dos carneiros, no chão do fosso fechado, um pai ou uma mãe, um parente ou um amigo, depositava, com as pálpebras inchadas de pranto, as suas oferendas enlaçadas com largas fitas, nas quais o amor, a saudade, o desalento, lavravam os epitáfios espontâneos de amarguras que se calam.

Junto aos templos, paramentados de capas e casulas pretas, e nas capelas do Caju, de S. João Batista e de S. Francisco de Paula, os padres, em presença das famílias, cantavam os ofícios, celebravam missas.

Sulcando os quadros populosos dos cemitérios, os ministros de Deus rezavam mementos, aspergiam as lousas...

Como era edificante aquele lúgubre espetáculo! Como deviam exultar no Senhor os ossos daqueles mortos!

Depois... tudo se foi! O mármore dos túmulos manchou-se das nódoas do vinho e das obradas refeições; a vaidade foi cuspir no esqueleto de hoje – ela que será o esqueleto de amanhã; o sacerdote agride pelas preferências, como se a sua prece sacrílega pudesse aliviar das penas a seres mais puros!

Raras são as pessoas respeitáveis e sérias que atualmente ainda visitam os cemitérios. Destas, algumas que o fazem, preferem as horas mais próximas da madrugada ou as mais distantes do entardecer.

E as luzes estão quase extintas...

Quando elas se apagarem de todo, é que a treva não cairá somente sobre o culto dos mortos, mas sobre o culto da Pátria!

As celebrações ao redor do mundo



Gwezen an anaon – A árvore dos mortos – Bretagne, França

O pão dos mortos



Le Breuriez Par Huath

En Bretagne la Toussaint marque plus la fête des morts que la fête de tous les saints. Dans la commune de Plougastel-Daoulas (Finistère), la Toussaint se confond aussi avec la «Fête des Morts» ou «Nuit des Morts». C'est le jour de l'ancienne fête irlandaise du 1er novembre – Samain –, qui marque le début et la fin de l'année. En ce jour, les Plougastels réalisent le rituel du **Breuriez**. Cette pratique tombée en désuétude en 1980 est réapparue récemment. Les cérémonies du Breuriez peuvent varier selon les frairies (divisions de paroisse) mais les grandes lignes restent les mêmes : on retrouve un arbre, des pommes et du pain... Le **Breuriez** s'articule autour de la tradition du **bara an anaon** («pain des trépassés») et du **gwezen an anaon** («arbre des trépassés»), ou **gwezen ar vreuriez** («arbre de la frairie»).

L'arbre des trépassés

Le «squelette» de l'arbre est une branche d'if, d'aubépine noire ou de houx, défeuillé, écorcé et dont les ramifications sont taillées en pointes. Sur chacune de ces pointes, une pomme est piquée. Notez la haute symbolique des arbres choisis et des pommes en cette période de l'année ! Quand toute la frairie est rassemblée, le meilleur enchérisseur de l'année précédente porte l'arbre et incite les personnes à enchérir sur l'arbre. Le plus gros enchérisseur offre la plus grosse pomme de l'arbre au porteur et garde l'arbre pour l'année.

Le pain des trépassés

Le meilleur enchérisseur de l'année précédente devait également se procurer les pommes et le pain et les faire bénir par un prêtre. Après les enchères, l'assistance se recueille et prie pour les morts. Une fois ces prières terminées, chaque famille vient prendre un pain et laisse en échange un don. Il y a également des petites *avalou an anaon* «pommes des âmes» ou «pommes de Toussaint» qui peuvent être échangées contre un don. Après quelques discussions, chacun rentre chez soi. Le soir dans les maisons, le «pain des trépassés» est partagé avant le dîner en autant de parts qu'il y a de membres dans la famille, et l'on mange son morceau sec après avoir fait le signe de croix. Le lendemain, l'argent recueilli est apporté au prêtre de l'église paroissiale, qui annonce en chaire le dimanche suivant les sommes réunies par le Breuriez. L'argent ainsi recueilli sert à faire dire des messes pour le repos de l'âme des disparus.

BÉLGICA



LA TOUSSAINT , PHOTOCRHOME DE FR. VIZZAVONA , RETOUCHÉ PAR LE PEINTRE ÉMILE FRIAND

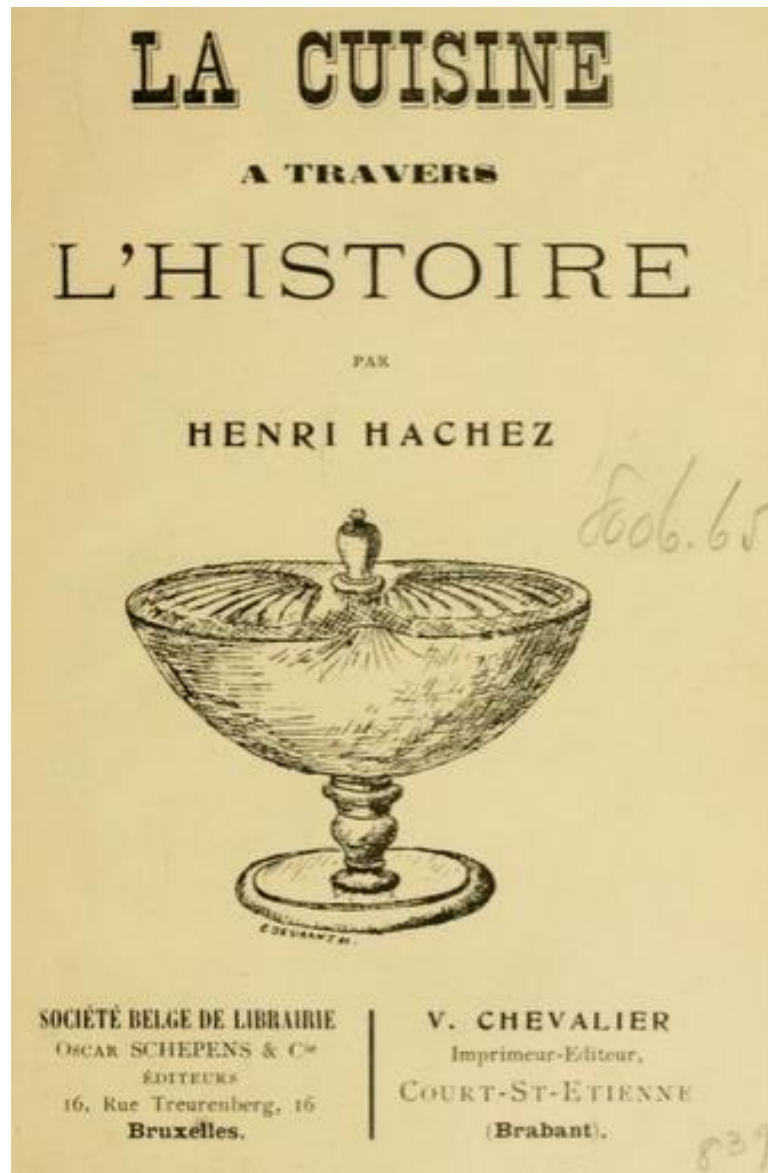
La Toussaint était bien sur la fête des morts , mais aussi l'occasion de faire maigre ou si vous préférez preuve d'abstinence alimentaire , durant des siècles le maigre fut l'objet de toutes les interprétations selon qui vous étiez riche ou pauvre , religieux ou moins ou pas du tout . Les puissants s'achetaient des faveurs et mangeaient comme bon leur semble , les autres s'arrangeaient comme ils pouvaient de la rigueur du maigre . Durant la Toussaint on préparait des plats spécifiques maigres pour fêter dignement la mémoire des disparus en mangeant des plats sans viande ou spécifiquement végétariens . La révolution française va changer une bonne partie de ses habitudes en France et en Belgique .

Cependant durant le XIX^e on continuera a préparer en Belgique les préparations spécifiques à la Toussaint que je vous propose ci-dessous .

Chaque ville de Wallonie et de Flandre avaient une préparation propre , à Liège c'était surtout la tarte au riz et au œufs , à Dinant la flamiche qui est une pâte à pain sur lequel on tartinait un mélange a base de morceaux de fromage à pâte pressé , de beurre , des œufs et de la crème fraîche, avant de l'enfourner dans le four du boulanger

A Walcourt , lieu de pèlerinage on préférait la tarte aux prunes et aux pommes , agrémentées par les gens riches de morceaux de moelle de bœuf .

Ainsi chaque ville et villages se distinguait de ces voisines lors de la fête des morts, par la suite la consommation de ces produits va ce faire toute l'année et les plats de Toussaint vont perdre de leurs originalités .



COUQUEBAQUES

Cette préparation se mangeait en Belgique surtout le jour même de la Toussaint ou le lendemain , on prétendait que plus on mangeait de cette pâtisserie , plus on délivrait d'âme du Purgatoire !!!!!.

Vous prenez six œufs que vous battez fortement , vous lui ajoutez un litre de lait bien gras et un demi-litre de vin de Moselle liquoreux , salez et ajoutez de la farine de façon à obtenir une pâte qui couvre bien le dos de la cuillère . Graissez la poêle avec du lard et versez la pâte a couquebaque , pour obtenir une épaisseur de deux centimètres , mettre la poêle à l'entrée du four et laissez cuire doucement , puis enfournez deux minutes pour colorer le dessus .

La couquebaque se mangeait chaude telle quelle ou nappée d'un sirop de poires et de pommes très épais (sirop de Liège)

CRÊPES À LA MODE DE TOURNAY

Prenez six œufs dont vous battez les blancs d'œufs et que vous mélangez avec seulement trois des jaunes , délayez avec un tiers de vin mousseux et liez le tout avec de la farine de froment de façon à obtenir une pâte bien lisse et homogène , ne pas oublier de saler.

Vous cuisez cette crêpe comme les autres mais un peut plus épaisse et servir saupoudrée de sucre .

PIPE-FARCE

Pâte à crêpe à base de jaunes d'œufs, de vin blanc, de farine de blé et de morceaux de fromage à pâte pressée (fromage de l'abbaye de Maredsous par exemple). Ce cuit dans une poêle graissée au saindoux.

TARTE À L'JOTE, À LA NIVELLOISE

Prenez du fromage à pâte pressé (pâte dure), que vous coupez en fine brunoise , ajoutez des œufs battus, du beurre fondu, sel et poivre; ajoutez des bettes et oignons verts hachés; délayez avec un peu de lait. Vous garnissez un moule à tarte que vous aurez foncé d'une pâte brisée, de cette préparation et vous enfournez à four chaleur moyenne. Une fois cuite servez agrémenté des noix de beurre et mangez chaud.

ARAGOUDIS

Faites bouillir et réduire deux litres de crème fraîche, une fois presque réduite ajoutez du sucre et une gousse de vanille; ajoutez douze jaunes d'œufs et liez avec un peu de farine; cuisez ensuite doucement sans bouillir pour terminer la liaison . Se sert chaud dans des coupes a fruits et vous ajoutez une goutte de fleurs d'orangers sur chaque coupe.



LA TOUSSAINT DANS LE HAMEAU DE CLECY , CALVADOS , GEORGES MOTELEY 1865-1923

CHINA



TAIWAN



FILIPINAS



ÍNDIA



HUNGRIA



ITÁLIA



**La tavola dei morti -
Itália**



PERU



EL COMITÉ DE EMERGENCIAS

Las Víctimas del Perú

1. "Comité de Emergencias del Perú" - Comité de Emergencias del Perú
2. "Comité de Emergencias del Perú" - Comité de Emergencias del Perú
3. "Comité de Emergencias del Perú" - Comité de Emergencias del Perú
4. "Comité de Emergencias del Perú" - Comité de Emergencias del Perú
5. "Comité de Emergencias del Perú" - Comité de Emergencias del Perú



BOLÍVIA



The image features two pumpkins of different sizes resting on a bed of straw. The larger pumpkin is in the background, and the smaller one is in the foreground. The background is a plain, light color. The text is overlaid on the right side of the image.

**As comidas e oferendas
típicas para o Dia de
Todos os Santos e Dia
de Finados em diversos
países**







CALAVERITAS DE AZÚCAR - MÉXICO

**T'anta Wawa – BOLÍVIA,
EQUADOR, PERU**



FAVE DEI MORTI



**HUESOS DE SANTO –
ESPANHA (pasta de
amêndoas recheada
com doce de gemas)**



**CASTANHAS
ASSADAS –
ESPANHA, FRANÇA**



**Panellets – biscoitos de
batata e marzipã,
Espanha (Cataluña)**





Panellets

COUQUEBAQUE (crepes de trigo sarraceno, vinho, leite e farinha)- BÉLGICA



PARKIN – REINO UNIDO





SOUL CAKE – INGLATERRA



Zuppa di ceci (e zucca)

Castagnaccio, TOSCANA,
ITÁLIA





OSSI DEI MORTI



**FRUTA MARTORANA (de
marzipan– SUL DA ITÁLIA**

I papassini sardi,
SARDEGNA, ITALIA



**O' MORTICIELLO -
TORRONI DEI MORTI –
DOCE NAPOLITANO**



LOMBARDIA, ITÁLIA, IL PANE DEI MORTI



Rame di Napoli



Mia Sana Casa

**BOSTRENGO:
DALL'UMBRIA ALLE
MARCHE**



TOSCANA, ITÁLIA: PAN COI SANTI





**FANFULLICCHIE IN
SALENTO, ITÁLIA**



**PIADA DEI MORTI IN
ROMAGNA**

Meini dei morti, MILANO,
ITÁLIA



PUGLIA, ITÁLIA: LA COLVA (O GRANO DEI MORTI)



Breda di coccolle



**SICILIA, ITÁLIA: DITA DI
APOSTOLO**



A morte não é nada (Santo Agostinho)

“A morte não é nada.
Eu somente passei
para o outro lado do Caminho.

Eu sou eu, vocês são vocês.
O que eu era para vocês,
eu continuarei sendo.

Me dêem o nome
que vocês sempre me deram,
façam comigo
como vocês sempre fizeram.

Vocês continuam vivendo
no mundo das criaturas,
eu estou vivendo
no mundo do Criador.

Não utilizem um tom solene
ou triste, continuem a rir
daquilo que nos fazia rir juntos.

Rezem, sorriam, pensem em mim.
Rezem por mim.

Que meu nome seja pronunciado
como sempre foi,
sem ênfase de nenhum tipo.
Sem nenhum traço de sombra
ou tristeza.

A vida significa tudo
o que ela sempre significou,
o fio não foi cortado.
Porque eu estaria fora
de seus pensamentos,
agora que estou apenas fora
de suas vistas?

Eu não estou longe,
apenas estou
do outro lado do Caminho...

Você que aí ficou, siga em frente,
a vida continua, linda e bela
como sempre foi.”

Para obter as receitas ou mais informações sobre o Dia de Todos os Santos, Finados e outras comemorações e rituais você pode escrever para a **Planta.vc**

oi@planta.vc

OU

Participar do grupo **COMIDA PRA ESTAR DE BEM COM A VIDA:**

<https://www.facebook.com/groups/240127929523952>